

## Uma nova reflexão historiográfica das relações argentino-brasileiras a partir da dimensão cultural (1930-1954)

Raquel Paz dos Santos\*

### Resumen

*El estudio desarrolla una nueva perspectiva de las relaciones Brasil-Argentina a partir del análisis de las relaciones culturales entre los años de 1930-1954. La peculiaridad de este estudio es que se refiere a la participación de diferentes grupos sociales en las diversas formas de intercambio cultural. En el transcurso del período aludido, intelectuales, artistas, empresarios, estudiantes, profesores, trabajadores, etc., participan en la elaboración, el financiamiento y la ejecución de diversos proyectos de cooperación cultural con el país vecino. En ese momento, se constata que la cooperación sería fundamental para el desenvolvimiento y el progreso de la Argentina y del Brasil. Por tanto, traía grandes beneficios para ambas sociedades.*

Palabras clave: diplomacia - cooperación - cultura - americanismo - intelectualidad

### Abstract

*This study develops a new perspective of the Brazil-Argentina relations analyzing the cultural connections between the years of 1930-1954. The peculiarity of this study is to dispute, undoubtedly, the paradigm of antagonism between Argentineans and Brazilians and to the participation of different social groups in different kinds of cultural exchange. During this specific period, intellectuals, artists, entrepreneurs, students, teachers, workers, and so on, took part in the planning, the financing and the execution of many projects of cultural cooperation with the neighboring country. At that time, it was realized that the cooperation would be essential for the development and progress of Argentina and Brazil. Therefore, it was source of great advantages to both societies.*

Key words: diplomacy - cooperation - culture - Americanist - intellectual

---

\* Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFF), Brasil.

Em meu estudo procuro desenvolver uma nova perspectiva das relações Brasil-Argentina a partir da análise das relações culturais entre os anos de 1930-1954,<sup>1</sup> numa tentativa de promover uma aproximação cultural entre os dois países através de projetos de cooperação intelectual, científica e artística, visando desfazer imagens negativas e criar um sentimento de fraternidade entre brasileiros e argentinos.

A análise das relações culturais reforça a revisão do paradigma realista, uma vez que torna evidente não ser o Estado o ator exclusivo nas relações internacionais, o que permite identificar o complexo trânsito simbólico entre duas sociedades. Nesse contexto, ganha destaque o papel desenvolvido pela sociedade civil que, ora participou dos projetos culturais desenvolvidos pela diplomacia argentina e brasileira, atendendo assim aos interesses dos respectivos Estados, ora exerceu sua ação cultural de forma espontânea no país vizinho, de acordo com seus objetivos, coincidentes ou não com os de seus governos. Procuro demonstrar que esses diversos grupos sociais não assumiram uma postura passiva diante da política cultural externa, pois não somente se posicionaram frente à mesma como também influenciaram diretamente sua formulação, como foi o caso de setores da intelectualidade.

Para analisar o imaginário coletivo da época busco estudar não apenas as atividades da diplomacia e dos intelectuais, como também as manifestações culturais e artísticas em seu conjunto, como os encontros científicos, os intercâmbios e traduções editoriais, as exposições artísticas, a imprensa através de artigos de jornais e revistas e a iconografia encontrada nesses periódicos, entre outros dados. A relação e articulação dessas fontes me permitirão reconstruir as imagens recíprocas e sua influência sobre ambas as sociedades. Este novo olhar sobre as relações argentino-brasileiras traz novas interpretações sobre a historiografia, permitindo fazer uma crítica à recorrente imagem da rivalidade tão enfatizada por vários estudos do período aludido.

A escolha do recorte cronológico 1930 a 1954 se deve ao fato de que, embora durante este período não tenha cessado a disputa pela hegemonia no continente sul-americano, os governos do Brasil e da Argentina, em muitos momentos, também desenvolveram políticas de aproximação cultural, procurando estreitar as relações entre os dois países.

Os fatores que impulsionaram uma maior aproximação entre Brasil e Argentina estão relacionados à crise do liberalismo e do capitalismo nos anos 30. Diante da fragilidade de suas economias agroexportadoras, os governos de ambos os países perceberam a necessidade de estabelecer uma relação de cooperação mútua para superarem suas dificuldades econômicas.

Além disso, vários intelectuais brasileiros, argentinos e outros latino-americanos, afirmavam que a crise dos modelos de desenvolvimento europeu e norte-americano mostrava a inadequação dos mesmos à realidade latino-americana. Assim, era o momento da América Latina buscar um modelo próprio de desenvolvimento como uma alternativa para enfrentar a crise como um bloco. Nesse contexto, Brasil e

---

<sup>1</sup> Este trabalho faz parte da pesquisa que desenvolvi em minha tese doutorado sobre as representações do Brasil e da Argentina no contexto das relações diplomáticas entre os anos de 1930 a 1954.

Argentina se percebiam como potências emergentes que consolidariam suas hegemônias na América do Sul para terem uma maior projeção no cenário internacional.

Amado Luis Cervo assinala também que essa nova conjuntura provocou uma mudança no posicionamento externo dos Estados latino-americanos, passando a implementar profundas reformas em suas chancelarias, gerando uma nova concepção de diplomacia que Cervo define como “desenvolvimentista”.<sup>2</sup> Segundo o autor, no período compreendido entre os anos 1930-1947, observou-se o abandono do paradigma “liberal conservador” e o esboço do “Estado desenvolvimentista”. Os efeitos da crise capitalista de 1929 teriam estimulado o processo de modernização econômica da região, que passou a ter uma grande intervenção estatal para superação de suas dificuldades e promoção do seu desenvolvimento. Nesse contexto, toda a estrutura administrativa foi reformada para se tornar mais eficiente e se adequar às novas necessidades de seu país. Nesse sentido, a estrutura dos Ministérios das Relações Exteriores passou por uma série de transformações objetivando maior profissionalização e vinculação da diplomacia às metas definidas pelo Estado.

Nesse contexto, o ponto inicial da cooperação cultural entre Argentina e Brasil foram os acordos e convênios entre os presidentes Agustín Justo e Getúlio Vargas, firmados entre as visitas presidenciais de 1933 e 1935. Ambos os encontros tiveram, como horizonte, as conferências americanas internacionais que se realizariam imediatamente depois, frente às quais os dois países adotaram posições comuns.

Justo visitou o Rio de Janeiro duas semanas antes da VII Conferência Interamericana de Montevideu, no ano de 1933. Quando Vargas foi a Buenos Aires, em 1935, a capital argentina sediava a Conferência Pan-americana de Comércio. Posteriormente, esses acordos e convênios foram ratificados e outros, de mesma natureza, foram assinados ao longo dos anos 40 e 50. Além disso, toda uma estrutura foi montada -como a criação de instituições para difusão cultural no exterior, convocação e seleção de intelectuais e especialistas em diversas áreas para promoção do intercâmbio, liberação de recursos financeiros, etc.- pelos governos de ambos os países para viabilizar e executar diferentes projetos de cooperação cultural.

Ao analisar as relações diplomáticas, em especial a diplomacia cultural, tratando das relações bilaterais no contexto das relações interamericanas, procuro também dar ênfase às aproximações e embates com os Estados Unidos. Essa reflexão é fundamental para compreender as diferentes diretrizes da política exterior da Argentina e do Brasil durante o período estudado.

No decorrer das décadas de 1930 e 1950, vários projetos alternativos de americanidade foram pensados e discutidos por diversos setores da intelectualidade e dos governos latino-americanos. Nesse contexto, ganhou força um ideário americanista que preconizava o fortalecimento da região através de uma maior cooperação entre os países, objetivando uma futura integração econômica, concebida como um fator imprescindível para promover o desenvolvimento regional de forma mais autônoma em relação às grandes potências, especialmente os EUA.

<sup>2</sup> Amado Luis CERVO, *Relações Internacionais da América Latina: velhos e novos paradigmas*, IBRI, Brasília, 2001, pp. 23-61.

Em tal conjuntura, o discurso antiimperialista teve grande eco entre vários setores das classes dominantes e intelectuais da América Latina. O imperialismo, sobretudo o norte-americano, foi alvo de inúmeras críticas por parte de grupos de diferentes tendências ideológicas -conservadores, reformistas, progressistas e revolucionários. Todos esses segmentos políticos elaboraram distintos projetos para a superação dos graves problemas políticos, econômicos e sociais de seus países, articulando a promoção do desenvolvimento regional com o chamado "continentalismo".

No plano cultural, esse ideário americanista pautou-se na valorização das raízes culturais da América Latina, visando à afirmação de uma nova estética, na qual a "mestiçagem", típica dos povos da região, deixaria de ser símbolo de "inferioridade racial" de países supostamente incapazes de alcançar a civilização e o progresso, como condenavam as teorias racistas européias. Dessa forma, percebe-se que, para que a América Latina emergisse no cenário internacional como uma região desenvolvida e moderna, seria fundamental a construção de uma nova identidade cultural. Essa última deveria romper com as visões estigmatizadas e preconceituosas da região. Num contexto de maior cooperação entre os povos latino-americanos, o intercâmbio artístico e intelectual passou a ser concebido como um fator importante em prol do desenvolvimento comum, do conhecimento mútuo, o que consolidou vínculos comerciais e políticos.

Apesar disso, a cooperação política, econômica ou cultural com os Estados Unidos não foi de forma alguma excluída pelos governos e setores interessados em reformas. Procurou-se intensificá-la, mas a partir de novas bases. Ou seja, romper com a tradicional subserviência da região aos interesses norte-americanos, a fim de propor formas de cooperação, sobretudo, comerciais e tecnológicas que contribuíssem para o crescimento e o progresso da América Latina. Aliás, desde o final do século XIX, o governo estadunidense levantara a bandeira do pan-americanismo. A União Pan-Americana, através das diversas Conferências Interamericanas, incentivou intensamente a cooperação entre os países americanos, tendo em vista especialmente a intensificação comercial. É importante que se observe que, ao longo da primeira metade do século XX, a política externa dos EUA com relação à América Latina não permaneceu imutável. A relação com os diferentes países sofreu inúmeras alterações, dependendo da disposição mais ou menos ortodoxa dos governos norte-americanos e da capacidade de barganha e resistência dos latino-americanos, que passaram a levantar a bandeira dos "interesses nacionais" nos foros internacionais.

Nessa conjuntura, procuro avaliar os interesses políticos e econômicos que justificaram os investimentos estatais em diplomacia cultural, visando uma aproximação entre Brasil e Argentina, bem como as convergências e divergências em relação aos projetos culturais nos organismos e redes de decisão e formulação dessa política exterior, como os Ministérios das Relações Exteriores e da Educação, os grupos políticos, os econômicos e a intelectualidade.

A intensa difusão cultural proporcionou um maior conhecimento da outra sociedade, paralelo à construção de um imaginário em torno das idéias de cooperação, de integração, de respeito às diferenças, de valorização da cultura nacional e latino-americana, visando à legitimação do projeto governamental.

Essas políticas de aproximação cultural contribuíram para a crítica de antigos estereótipos, preconceitos, desconfianças e outras imagens negativas pelas quais se estabeleceu o paradigma da rivalidade como um elemento intrínseco às relações argentino-brasileiras.

Apresento, a seguir, algumas das principais formas pelas quais se realizou o intercâmbio cultural entre Argentina e Brasil.

### **Os Institutos Culturais**

Uma medida importante foi à criação dos Institutos Culturais. Nos anos 30, foram fundados em Buenos Aires e no Rio de Janeiro, espalhando-se por outras cidades argentinas e brasileiras como Rosario, Córdoba, Porto Alegre e São Paulo. Tal fato demarcou um novo momento de aproximação entre os dois países e, por sua vez, uma nova fase na história de suas relações. A dimensão cultural passou a fazer parte de ambas as agendas, sendo concebida como um elemento fundamental para a execução dos objetivos políticos e econômicos.

Os Institutos foram fundados entre ambas as visitas presidenciais como instituições oficiais que até a atualidade, com outras definições ou (re)fundações, centralizam a representação oficial de um país na capital do outro.

No início de 1934, o Instituto foi fundado em um ato de abertura na Faculdade de Medicina da capital argentina. Rivarola, seu presidente, apresentou a conferência de seu vice-presidente Aráoz Alfaro, prestigiado médico, sobre Miguel Couto - "príncipe de la medicina brasileña".<sup>3</sup> Na concepção de Rivarola, já existia uma estreita vinculação entre os médicos brasileiros e argentinos, sendo muito mais efetiva e permanente do que a existente entre outras categorias profissionais, como a dos advogados. Contudo, ressaltou que a cultural não deveria ter por fonte somente as universidades. Fora da academia, havia outro movimento "espiritual" representado pela imprensa, pelas instituições de cultura e pelas escolas, e a ação do instituto deveria chegar até esses espaços para promover sentimentos e emoções que estreitariam os laços de afetividade e amizade entre argentinos e brasileiros.

Em julho de 1934, o Instituto argentino enviou ao Rio de Janeiro uma "missão cultural" encabeçada por Rivarola, J. Horacio Cegueira (presidente da Federação Argentina de Advogados), Guilherme Garbarini Islas (vice-presidente do Ateneo Íbero Americano) e os doutores César Viale e Félix Etchegoyen. No Palácio do Itamaraty, essa delegação protagonizou a inauguração do homólogo Instituto Brasileiro-Argentino de Cultura, que foi presidido pelo advogado e escritor Rodrigo Octavio.

Dentre as atribuições dos institutos, as principais eram representar, ante as autoridades competentes, a conveniência de acentuar nos ensinos geral, normal ou comercial melhor conhecimento da geografia e da história do Brasil, desde a procla-

<sup>3</sup> Gustavo SORÁ, *Traducir el Brasil: una antropología de la circulación internacional de ideas*, Buenos Aires, Zorzal, 2003, p. 127.

mação da República até o presente. O incentivo também se estendia ao ensino da língua portuguesa e da literatura brasileira, além de outros estudos sobre sua produção científica, comercial e industrial. Para estimular o turismo, se promoveria a preparação de cursos breves de idioma e vocabulários elementares para o uso do viajante.

Também caberia ao Instituto apresentar e recomendar, por sua iniciativa, argentinos de especial competência profissional nas ciências, na literatura, nas artes, na indústria, para conferências no Brasil sobre assuntos argentinos e dirigir análogas visitas de personalidades brasileiras à Argentina. Deveria ainda procurar desenvolver o estudo comparativo entre instituições jurídicas da Argentina e do Brasil nas faculdades de Direito. Igualmente relevante era promover a melhor reciprocidade no comércio de "librería y en editores de ambos países, así como en las demás ramas del intercambio comercial. Procurar la constitución en el Brasil de instituciones culturales en relación con este Instituto, y comités filiales en el interior de la República."<sup>4</sup>

Pelas atribuições do Instituto, há considerável importância dessa instituição na difusão cultural entre ambos os países, através de vários meios, e levando à mobilização de elementos de diferentes segmentos sociais -acadêmicos, juristas, médicos, professores, estudantes, artistas, etc. Além disso, ao buscar construir uma imagem positiva do país vizinho, despertando a simpatia da sociedade, seria favorecida a introdução de outros produtos no seu mercado, além de proporcionar um melhor entendimento no campo político. Essas foram as metas da diplomacia cultural.

Uma característica relevante dos institutos culturais era o fato gozarem de autonomia formal, reforçando a idéia de que os intelectuais que apoiaram a política externa dos governos brasileiro ou argentino em prol de uma aproximação cultural com o país vizinho não foram manipulados pelo Estado, mas apoiaram suas políticas nessa área porque tinham afinidades com as idéias que as regiam. Portanto, a adesão da intelectualidade a essa diretriz política foi espontânea e, por outro lado, também interessada, pois, através dela, poderiam obter os recursos financeiros e operacionais que não dispunham para desenvolver seus projetos.

Os monumentos à fraternidade argentino-brasileira foram outra iniciativa cultural importante dos Institutos para reforçar o sentimento de amizade e cooperação. Em 1943, por iniciativa de César Viale -então presidente do Instituto de Buenos Aires- foi apresentado o projeto de um busto de bronze em homenagem a "Tiradentes", mártir da independência do Brasil. Os recursos para sua execução foram obtidos através de doações de políticos -como Ramón Cárcano, Ramiro Jonan, Alberto Roca-, de bancos, da Câmara de Comércio Argentino-Brasileira, da União Industrial Argentina, entre outros. O escultor, Don Juan Carlos Oliva Navarro, se ofereceu para realizar a obra gratuitamente. O monumento foi inaugurado em 1946.

O fato de o busto ter sido financiado não apenas através de recursos públicos, mas também por parte da iniciativa privada, revelava o interesse desse setor por uma aproximação cultural entre os dois países, em decorrência dos seus vínculos econômicos. Contudo, o ato do escultor Navarro representa o envolvimento da clas-

<sup>4</sup> "El intercambio de cultura con Brasil", *La Nación*, 06/12/1933.

se artística nesses projetos culturais, revelando também a força mobilização de seu idealismo.

Em retribuição a esse gesto dos argentinos, os brasileiros residentes em Buenos Aires iniciaram um movimento para arrecadar fundos para a execução, em São Paulo, de um busto em homenagem a “Bernadino Rivadavia”, primeiro presidente constitucional da Argentina. O resultando da campanha foi satisfatório, arrecadando uma apreciável soma para o fim proposto.

O busto do prócer argentino foi inaugurado em 1945, em homenagem ao centenário do seu nascimento. Um dado interessante é que o monumento foi instalado na Praça Buenos Aires, localizada na região central da capital paulista. Primeiramente, em 1912, a praça surgiu com o nome de Higienópolis. No ano seguinte, teve seu nome alterado para o da capital portenha. Somente em 1987 o local foi transformado em Parque Buenos Aires. Entre as esculturas ali instaladas, outra que se refere à cultura argentina é a “O Tango”, de Roberto Vivas, esculpida em bronze e granito no ano de 1996.

Todas essas atividades desenvolvidas pelos Institutos Culturais, além da organização de congressos, seminários, concursos literários, de monografias, de biografias, missões culturais, e de mostras de livros, cinema, música, arte, teatro, entre outras, revelam a importância fundamental dessas instituições na difusão e no fomento de atividades de cooperação cultural entre Argentina e Brasil. Essas atividades envolviam a participação não apenas políticos e intelectuais vinculados ao Estado, mas, como demonstrado, também de vários setores da sociedade civil, inclusive a iniciativa privada que, em vários momentos, contribuiu na propaganda e com recursos financeiros durante a realização dos diversos projetos culturais entre os dois países.

### **Empreendimentos editoriais**

Os governos de Justo e Vargas criaram políticas para promoção de empreendimentos editoriais entre Argentina e Brasil através da tradução de autores do Espanhol e do Português. Paralelamente, a efervescência intelectual do período em torno do americanismo estimulou as relações literárias e editoriais entre ambos os países. De acordo com Sorá, o ano de 1937 emergia como o mais fecundo dessas relações, quando foram criadas a “Biblioteca de Novelistas Brasileños”, da Editorial Claridad, e a “Biblioteca Autores Brasileños Traducidos al Castellano”, editada pelo Ministerio da Justicia e Instrucción Pública. Ambas marcariam a fundação, em paralelo, dos parâmetros fundamentais para a circulação da cultura escrita nas sociedades nacionais.

O primeiro sistema de publicação era comercial e editava uma coleção que promovia novelas. O outro era oficial e voltava-se para as obras fundamentais do pensamento social. Contudo, Sorá ressalta que a sincronização e a divisão de funções entre ambas não anulava a hipótese de uma estratégia combinada. Afinal, eram -de certa forma- complementares. Entretanto, a posição explícita de *Claridad* como “Tribuna del pensamiento de izquierda” tornava difícil pensar em alguma ação negociada com representantes de governos conservadores marcados pela fraude e

clientelismo.

No Brasil, em paralelo a essa política editorial argentina, saiu a “Coleção Brasileira de Autores Argentinos”. A Comissão Revisora brasileira foi presidida por Pedro Calmon, um historiador tão prestigiado quanto Levene, que dirigiu a Comissão argentina. De acordo com Sorá, no plano das idéias e no plano editorial, ambos os conjuntos de livros devem ser compreendidos como espécies oficiais de um gênero de coleções de ensaios de interpretação das realidades nacionais. A coleção iniciou-se em 1938 e terminou em 1951, totalizando nove volumes traduzidos por J. Paulo de Medeyros.

Outro empreendimento editorial que contou com apoio estatal foram as exposições de livros argentinos e brasileiros no exterior, em especial nos países sul-americanos.

### O papel das artes

O intercâmbio artístico é outro capítulo relevante na história das relações culturais entre Brasil e Argentina no período sob estudo, impulsionado, em grande medida, pelos acordos bilaterais no campo cultural. O expressivo fluxo de escultores, pintores, literatos, músicos, atores, etc., entre os dois países marcou um momento de descoberta do “outro” até então quase desconhecido.

Ao traçar um panorama da vida e da obra de alguns dos principais pintores brasileiros contemporâneos que haviam recentemente exposto seus quadros na Argentina, considerando a importância deles,<sup>5</sup> o interventor do Museo Nacional de Bellas Artes de Buenos Aires, Jorge Romero Brest, elogiou a iniciativa do diretor do Museo de Bellas Artes de La Plata, o pintor argentino Emilio Pettoruti, pela realização de exposições de obras de 20 desses artistas na sua cidade, entre os dias 2 a 19 de agosto de 1945, e, em seguida, em Buenos Aires, de 25 de agosto a 7 de setembro.

Brest afirmou que a pintura brasileira era bem distinta da argentina, até em seus aspectos técnicos -o que não se podia estranhar, uma vez que a técnica verdadeira somente era o instrumento da alma- porque expressava uma realidade diferente, em seus aspectos materiais, de natureza e condição humana e na sua formação espiritual por meio do jogo de “influências estranhas”. Entretanto, ressaltava:

“Hagamos un esfuerzo, pues, los hombres del sur de este continente, los que tenemos raíces hispánicas y una arborescencia italiana, francesa, inglesa o

<sup>5</sup> Os trabalhos expostos foram dos seguintes pintores: Tarsila do Amaral, Iberê Camargo, Hilda Campofiorito, Quirino Campofiorito, José Bernardino Cardoso Junior, Rubem Cassa, Lucy Citti Ferreira, Milton Dacosta, Percy Deane, Cícero Dias, Emiliano Di Cavalcanti, Heitor dos Prazeres, Oswaldo Goeldi, Djanira Gomes Pereira, Francisco Reboló Gonsales, Clovis Graciano, Alberto da Veiga Guignard, Percy Lau, Carlos Leão, Roberto Burle Marx, José Moraes, Alcides Rocha Miranda, José Pancetti, José Alves Pedrosa, Cândido Portinari, Tomás Santa Rosa Junior, Carlos Scliar, Lasar Segall, Orlando Teruz, e Aldari Henriques Toledo.

alemana, para comprender con emoción esa realidad indígena, lusitana y negra que comienza a expresarse con facundia feroz en todos los planos de la cultura brasileña.”<sup>6</sup>

A concepção de um diálogo curioso e interessado entre duas identidades culturais distintas -a argentina e a brasileira- permeava o espírito da época de maior tolerância e compreensão com outra sociedade. No campo artístico, essas trocas de experiências foram vistas como positivas, pois contribuiriam para um enriquecimento mútuo, além de possibilitar ao grande público ter acesso a essa outra realidade.

Apesar desse confronto de identidades apontado por Brest, ao afirmar que a pintura brasileira poderia parecer um conjunto de influências estranhas aos olhos do argentino, a grande maioria das artes nesse período na América Latina demonstravam preocupação com a questão da identidade nacional e com a temática social. Suas origens se remetiam ao movimento modernista dos anos 20.

Segundo Maria Helena Capelato,<sup>7</sup> no final dessa década na América Latina, a exemplo do que ocorria na Europa, houve uma crescente politização da cultura, retornando-se à discussão sobre o uso da palavra “vanguarda”, expressando a clássica oposição entre a “arte pela arte” e a “arte engajada”. Nesse contexto, a maioria dos artistas latino-americanos revelou preocupação com os problemas das suas respectivas sociedades.

Essa nova postura era consequência também da Revolução Mexicana, que teve grande impacto no continente. Nessa época, ocorreu, em vários países, a criação de partidos comunistas, ao lado de movimentos de nacionalistas de esquerda e de extrema direita. Na esfera intelectual, ocorreram reformulações da identidade latino-americana e houve um expressivo debate sobre a questão indígena. Esses acontecimentos levaram a redefinições no campo cultural. A tentativa de recuperação das origens esteve, em geral, associada a uma valorização da cultura popular e de suas tradições. O muralismo mexicano, como representação de uma nova arte social, foi a expressão mais importante dessas mudanças.

Em função de todos esses movimentos que influenciaram o campo das artes, já havia uma expressiva mobilização da classe artística da Argentina e do Brasil com o intuito de promover uma aproximação cultural. Nesse sentido, os subsídios governamentais foram fundamentais na concretização desse propósito. Dessa maneira, é que deve ser pensado o papel das artes no intercâmbio entre as duas sociedades, pois, ao mesmo tempo em que atendia aos interesses políticos e econômicos, também fazia parte dos anseios de melhor conhecimento recíproco. Assim, a partir desse momento, o intercâmbio atinge um patamar diferenciado.

<sup>6</sup> Jorge ROMERO BREST, *La pintura brasileña contemporánea*, Buenos Aires, Poseidon, 1945, p. 9.

<sup>7</sup> Maria Helena Rolim CAPELATO, “Modernismo latino-americano e construção de identidades através da pintura”, *Revista de História*, 153, 2º- 2005.

### O pan-americanismo escolar

O intercâmbio escolar foi um outro aspecto expressivo na aproximação cultural da Argentina e do Brasil, que contou com uma ampla participação de professores e alunos dos dois países. Esse fluxo contínuo, entre os anos 30 a 50, estimulou a criação de inúmeras delegações, escolas em homenagem a ambos os países, concursos de redação e de poesia, concessão de bolsas de estudo a fim de desenvolver pesquisas sobre o país vizinho e até mesmo a implementação de uma proposta pedagógica inovadora, com o objetivo de estimular o sentimento de fraternidade continental nos alunos em relação aos demais países americanos -especialmente, entre argentinos e brasileiros.

Tratava-se do pan-americanismo escolar que, tanto na Argentina como no Brasil, havia se iniciado nos anos 20, através de políticas educacionais. Em 1922, o Consejo Nacional de Educación argentino, através de um decreto, designou as escolas de Buenos Aires com o nome das seguintes repúblicas latino-americanas: Estados Unidos do Brasil, Bolívia, Chile, Colômbia, Cuba, Costa Rica, Dominicana, Equador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Paraguai, Peru, Panamá, San Salvador, Oriental del Uruguai e Venezuela.

Por meio dessas escolas, o corpo docente e alunos deveriam promover atividades escolares -como a comemoração de datas cívicas, palestras, exposições, o canto do hino nacional, a confecção de bandeiras nacionais, a recepção de personalidades, etc.- que contribuíssem para estreitar os vínculos amistosos com as repúblicas irmãs. Tal medida foi bem recebida pela imprensa brasileira, como atesta o artigo "A escola a serviço da paz", da *Gazeta de Notícias*, de 3 de fevereiro de 1925, que elogiava a resolução do Conselho de Educação argentino como "altamente simpática". O texto ainda acrescentava que a intenção dessa política era a de preparar as novas gerações em um ambiente mais saturado de idéias de paz e cordialidade internacional.

O artigo também informava que, em retribuição ao gesto argentino, a bandeira que passaria a figurar na "Escola Estados Unidos do Brasil" seria confeccionada por alunas da Escola Normal do Rio de Janeiro, chegando à futura escola por intermédio do representante diplomático do Brasil na capital portenha.

A construção do edifício da Escola República do Brasil foi muito longa e demorada. Somente em 15 de novembro de 1933 foi inaugurado. Depois disso, foram criadas mais oito escolas, com o mesmo nome, em várias províncias argentinas. Uma delas era escola normal. Também foi fundada a "Escuela Quintino Bocayuva", em Buenos Aires. Essas escolas existem até hoje, mas pouco mantêm do seu caráter pan-americano. Geralmente, apenas em ocasiões muito especiais, como a independência do país patrono, o ideário de fraternidade americana é lembrado.

No Brasil, o pan-americanismo escolar surge com Carneiro Leão, diretor geral da Instrução Pública do Rio de Janeiro (1922-1926). Ele iniciou uma série de homenagens aos países americanos, nomeando vinte escolas com seus nomes. Esperava-se que essas escolas contribuíssem para a criação de um sentimento de união, de solidariedade e de cooperação continental em defesa da liberdade. A administração de

Fernando de Azevedo (1927-1930) deu continuidade a essa prática.

Entretanto, assim como o nacionalismo, o pan-americanismo assumiu uma projeção maior na década de 1930, sobretudo na gestão de Anísio Teixeira na Secretaria de Educação do Distrito Federal (1931-1935). As escolas criadas homenagearam os seguintes países latino-americanos: Honduras, México, Nicarágua, Paraguai, Venezuela e Argentina.<sup>8</sup> Atualmente, essas escolas são administradas pela Prefeitura do Rio de Janeiro. Porém, sua proposta pedagógica foi desvinculada do projeto original.

Mesmo interrompendo o seu trabalho, em 1935, quando pediu demissão de seu cargo devido a pressões políticas -estava sendo acusado de participar da revolta comunista liderada por Luis Carlos Prestes-, Anísio Teixeira implantou uma proposta pedagógica inovadora -relacionada ao movimento "escolanovista"- nas escolas fundadas durante a sua gestão, o que contribuiu para o processo de modernização cultural pelo qual passava a capital carioca.

Nesse contexto, merece destaque a "Escola Argentina" que, além de promover atividades culturais de aproximação com o país vizinho, tornou-se uma das escolas "experimentais" da capital brasileira.

A escola foi fundada em 8 de novembro de 1924. Entretanto, somente em 1929 é que recebeu instalações condignas à Rua 24 de Maio, no bairro do Engenho Novo -passando a representar um símbolo do pan-americanismo. Em 1934, a Escola Argentina foi reinaugurada na Rua 28 de Setembro, no bairro de Vila Isabel. Com essa mudança, a escola da Rua 24 de Maio passou a se chamar Escola Sarmiento, em homenagem ao grande político interessado em políticas educacionais, ex-ministro, ex-diplomata, ex-senador e ex-presidente da República Argentina.

A partir dessa mudança, a Escola Argentina tornou-se não apenas a expressão das idéias anisianas sobre a educação, mas, também, uma escola centrada em uma interpretação idealizada das relações Brasil-Argentina. Segundo Miriam Waidenfeld Chaves, essa concepção sugeria que:

"esses dois países se encontram organicamente ligados pelo 'espelho' de prata da bacia, tornando-os assim verdadeiras almas gêmeas.

"Além disso, é sobre esse discurso que a escola assenta o seu trabalho pedagógico, o que faz com que este seja um dos principais ideários da própria escola. Desse modo, fica claro a intenção latente de seus mentores -neste caso, não só os Diretores de Instrução mas, também, a diretora, os professores da escola e os seus ilustres visitantes- que, de forma eficiente, constroem uma leitura ufanista da relação Brasil/Argentina, que por sua vez, deve cavar fundo na alma de seu alunado para que assim o projeto da escola possa ser bem sucedido."<sup>9</sup>

<sup>8</sup> *Guia das Escolas de Anísio Teixeira*, Centro de Referência da Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro, Prefeitura do Rio de Janeiro, 2006.

<sup>9</sup> Miriam Waidenfeld CHAVES, *A escola anisiana dos anos 30: fragmentos de uma experiência - a trajetória pedagógica da Escola Argentina no antigo Distrito Federal (1931-1935)*, Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, PUC, 2001, p. 26.

De acordo com essa perspectiva, Chaves esclarece que o nome Argentina funcionaria como uma “verdadeira metáfora desse discurso reunificador das nações”, mesmo que, no contexto das relações internacionais, tenham sido muito mais preponderante os inúmeros atritos e disputas comerciais e políticas.

Dessa forma, através das escolas “brasileiras” e das “argentinas” procurou-se criar um sentimento de fraternidade entre os alunos, professores e demais membros da comunidade escolar em relação ao país vizinho. Contudo, a descontinuidade dessas políticas, em função das constantes oscilações nas relações bilaterais, comprometeu o desenvolvimento dessa prática pedagógica.

### **Intercâmbio intelectual e científico**

A cooperação entre os médicos argentinos e brasileiros foi a mais intensa do período sob estudo. Dessa forma, o intercâmbio entre as Academias Nacionais de Medicina de Buenos Aires e do Rio de Janeiro era um bom exemplo de como essa parceria poderia trazer resultados profícuos para ambas as sociedades. Essa cooperação científica já era tradicional entre os dois países, ocorrendo desde o século XIX. Os graves problemas de saúde pública traziam sérias dificuldades no relacionamento comercial e político de ambos os governos. Por esse motivo, fazia-se necessário encontrar soluções conjuntas para a manutenção de um bom entendimento entre essas economias complementares. Além desse intercâmbio, outras formas de cooperação ocorreram no campo industrial, comercial, educacional e até mesmo no militar.<sup>10</sup>

No Brasil, essa estrutura de relações culturais interamericanas foi organizada a partir do Itamaraty, Ministério da Educação e do DIP. O principal veículo de difusão da intelectualidade latino-americana no país foi o “Pensamento da América”, suplemento do jornal *A Manhã*. Essa seção teve uma publicação regular de agosto de 1941 a fevereiro de 1948. Divulgava, em suas páginas, tudo o que fosse relativo ao “espírito pan-americano”. Através do suplemento, os leitores brasileiros poderiam ter acesso a artigos sobre literatura, música, história, artes plásticas, política, folclore, dança, geografia, urbanismo. Em suma, toda espécie de atividades culturais provenientes do continente americano.

Na Argentina, o intercâmbio intercontinental era realizado, principalmente, pela Comisión de Cooperación Intelectual, vinculada ao Ministério das Relações Exteriores. Também foi assinada uma série de convênios e acordos culturais com países do continente. Obviamente, tais acordos foram muito maiores e mais amplos com os países de língua espanhola, se os compararmos com os feitos com o Brasil. Contudo, a oposição da maioria da intelectualidade argentina ao projeto cultural peronista criou barreiras ao intercâmbio cultural.

<sup>10</sup> Em várias cartas de embaixadores, artigos de jornais, encontrei informações sobre visitas de estudantes aos colégios militares e missões de cooperação de militar entre Argentina e Brasil.

No entanto, vários intelectuais argentinos de renome aderiram ao regime e trouxeram contribuições importantes para conferir legitimidade à sua política cultural. Merece destaque também a expressiva participação de diversos setores da sociedade civil, como professores, estudantes, trabalhadores, cientistas, escritores, juristas, médicos, etc.

Os setores da intelectualidade críticos a esses governos tentaram deslegitimar suas ações, tanto na esfera política quanto na cultural, também promovendo o intercâmbio entre os dois países. Um exemplo bem significativo foi o dos intelectuais brasileiros que se exilaram em Buenos Aires devido à repressão do Estado Novo -o casal Newton Freitas e Lidia Besouchet, Jorge Amado e Monteiro Lobato. Durante sua estadia na capital portenha, aproximaram-se dos intelectuais e do mercado editorial argentino e publicaram suas obras em espanhol.

Do lado argentino, Victoria Ocampo e outros intelectuais contrários ao peronismo usaram a literatura como uma forma de resistência e mantiveram um constante diálogo com a intelectualidade brasileira e de outras partes do continente, conforme atestam as contribuições de Jorge Luis Borges em jornais brasileiros, como o suplemento *Pensamento da América*.

Enfim, através da política de cooperação cultural patrocinada pelos Estados da Argentina e do Brasil, entre os anos 1930 a 1954, diversos "embaixadores" da cultura brasileira e argentina atuaram no país vizinho e construíram representações sobre essa outra sociedade, que algumas vezes legitimava e outras não, o discurso estatal. Tais críticas foram mais acentuadas pelos intercâmbios não-governamentais, ligados aos grupos de oposição ao regime, que procuravam deslegitimar, no campo simbólico, o projeto político e ideológico defendido pelos setores governamentais. Dessa forma, tais atos demonstraram diferentes visões sobre a aproximação cultural em ambos os países. Contudo, o conjunto dessas possíveis interpretações da realidade convergia no ponto da preeminente necessidade de um intercâmbio bilateral em benefício da sociedade e foi fundamental para sedimentar os alicerces da americanidade.

### **Intercâmbio sindical: trabalhadores como agentes das políticas de aproximação**

Procurando reforçar a ideologia de seu regime, Perón conferiu um novo papel importante aos trabalhadores: o de adido operário. Dessa forma, esse segmento tornou-se um relevante agente na aproximação política e cultural entre o regime e os demais países do continente. Nesse contexto, cabe assinalar que o justicialismo argentino encontrou expressiva acolhida no trabalhismo brasileiro - grande parte das lideranças sindicais, como também o Ministro do Trabalho João Goulart, além de outros políticos, intelectuais e outros grupos da sociedade civil, apoiaram ou participaram diretamente do intercâmbio sindical. Contudo, a política trabalhista peronista foi veementemente repudiada pelos setores contrários a uma aproximação com a Argentina, que defendiam que a melhor alternativa para o desenvolvimento do país seria ampliar os vínculos com os Estados Unidos. Além disso, tais setores viam

com certo temor a possibilidade de uma revolução liderada pelos sindicatos.

Finalizando, concluo que o grande e contínuo fluxo de intercâmbios entre Brasil e Argentina no decorrer dos anos de 30 e 50, com alguns períodos de refluxo -em decorrência das tensões e conflitos devido às divergências ideológicas e disputas políticas e econômicas entre os dois países-, promoveu uma grande mobilização de atores estatais, não-estatais com uma ativa e expressiva participação de vários grupos da sociedade civil. Tal fato revela que esses processos de cooperação cultural contribuíram para a desmistificação do "outro" -o argentino ou o brasileiro- que passaram a compreender melhor seus valores, crenças e tradições, o que os levaram a questionar o imaginário da rivalidade entre os dois países.